

Como deliberar quando tudo é caos? Os difíceis dilemas morais da gestão de um desastre

LAÍS SILVEIRA SANTOS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

LALESKA LEBIODA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

COMO DELIBERAR QUANDO TUDO É CAOS? OS DIFÍCEIS DILEMAS MORAIS DA GESTÃO DE UM DESASTRE

*A humanidade passa. Na lama. No lodo.
Passa do outro lado da rua, do sonho.
No pesadelo armado.
Passa junto a tristeza de pacotes sobre o braço, em zeloso abraço.
É a vida, dentro do homem, ainda, e dentro do pacote e seu exíguo frágil espaço.
Não passa a hora no relógio da catedral São João do Apocalipse entre o bem e o mal.
Tempo onde a cidade engorda como um animal desolado
dia a dia engorda de águas de mágoas, limos, destroços,
quantas perdidas memórias e de medos engorda.
Oh! Casas fundadas, afundadas das enchentes.
Entre o rio atrás da minha casa e minha casa fundada na realidade
e fundada atrás do rio de minha imaginação.
[...]*

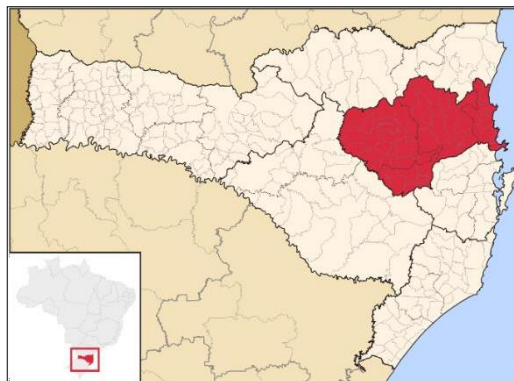
*Lindolf Bell
Arquivo Histórico José Ferreira da Silva*

1. Descrição do caso

Dentro do contexto nacional, Santa Catarina corresponde ao terceiro estado com mais situações de desastres ambientais nos últimos vinte anos e o estado com a maior diversidade de desastres em relação aos demais estados brasileiros, além de ter sido atingido pelo Furacão Catarina em 2004, o único registrado no Brasil. Entre os anos de 1995 e 2014, o valor total de perdas decorrentes de desastres no estado foi de 17,6 bilhões de reais (UFSC/CEPED, 2016). Esses dados revelam a importância sobre a gestão pública de riscos e desastres no estado de Santa Catarina que, atualmente, tem sua gestão realizada pela Secretaria de Estado da Defesa Civil.

– Introdução

Era primavera de 2008 e o Estado de Santa Catarina estava enfrentando chuvas ininterruptas e enxurradas que devastavam comunidades inteiras, sendo a região mais atingida a do ‘Vale do Itajaí’, também conhecida como ‘Vale Europeu’, por ser a região brasileira com a maior colonização alemã.



Mapa da região do Vale do Itajaí em Santa Catarina
Fonte: Wikipédia, 2019

Com o relógio marcando onze horas e cinquenta minutos da noite, Carlos – o prefeito de uma das cidades gravemente atingidas – ajeita um colchonete no chão de sua sala da prefeitura para descansar. Mesmo que tentasse chegar a sua casa, três quilômetros dali, seria impossível ficar lá. A água estava na altura de sua cintura e sua família tinha buscado abrigo na casa de parentes. Nos últimos dois dias, ele trabalhara mais de dezoito horas diárias, fazendo breves pausas apenas para se alimentar e tentar descansar onde fosse possível. Por seu município ainda não ter uma estrutura de Defesa Civil, o prefeito também se tornou responsável municipalmente pelo gerenciamento do que veio a ser chamado de ‘Tragédia de 2008’.



Rio Itajaí-Açu

Foto: Kássia Dalmagro/Jornal Metas

A precipitação excessiva da região de Carlos já havia sido registrada desde o mês de setembro e os primeiros estragos causados pela chuva no período foram constatados no dia 18 de outubro. Mas foi em 22 de novembro que iniciou verdadeiramente a maior tragédia da história catarinense, com um trágico saldo de mortos, desaparecidos, desabrigados e incalculáveis prejuízos materiais públicos e privados. A região do ‘Vale do Itajaí’ foi noticiada nacionalmente e internacionalmente por passar pelo seu pior desastre ambiental e, certamente, um dos piores do Brasil até hoje. Após um período de muitas chuvas, a região – que possui seus municípios localizados às margens do Rio Itajaí-Açu – sofreu com enchentes, inundações e deslizamentos inesquecíveis para o estado.

Os danos humanos e prejuízos econômicos provocados pelas chuvas que assolaram o estado de Santa Catarina durante a primavera de 2008 são incalculáveis. Nos registros da Defesa Civil catarinense, 135 pessoas perderam suas vidas e duas continuam desaparecidas. Cerca de 97% dos óbitos ocorreu por soterramento, pois o acúmulo de água no solo provocou deslizamentos, destruindo casas, escolas, hospitais e estradas, e enterrando histórias e sonhos de muitas famílias. A precipitação excessiva foi registrada desde o mês de setembro e os primeiros estragos causados pela chuva no período foram constatados no dia 18 de outubro. No dia 22 de novembro, a chuva provocou a maior tragédia da história catarinense. Famílias perderam tudo o que demoraram anos para conquistar. Empresas registraram prejuízos. O turismo foi comprometido e os serviços públicos e particulares foram paralisados. O suprimento de gás e energia elétrica em diferentes municípios foi interrompido. Cidades inteiras ficaram isoladas durante dias. O Porto de Itajaí, no Vale catarinense, parou de operar. O Estado perdeu R\$ 105 milhões na arrecadação, no período entre 22 de novembro e 31 de dezembro de 2008. Mais de 1,5 milhão de pessoas foram diretamente afetadas. Os efeitos da intensidade da chuva foram constatados por todas as classes sociais das cidades atingidas. Residências de alto padrão construtivo vieram abaixo, da mesma forma que casas simples em áreas de encostas, consideradas de risco. Famílias foram vítimas da brutalidade deste evento adverso extremo. Um desastre que mobilizou e solidarizou milhões de pessoas de diferentes cantos do mundo e do qual a maior perda, sem dúvida, foram as vidas humanas e o maior exemplo foi o de solidariedade. Quem teve a oportunidade de acompanhar de perto as ações de resgate, apoio e atendimento às vítimas do desastre vivenciou muito mais do que o esforço de trabalhadores e voluntários para salvar vidas e garantir a segurança da população. Os profissionais que atuaram na resposta ao desastre adquiriram experiência e foram contaminados pela vontade pessoal de colaborar.

[Introdução do livro “Relatos de um desastre: narrativas jornalísticas da tragédia de 2008 em Santa Catarina”, escrito por Márcio Luiz Alves, ex-diretor estadual da Defesa Civil]

Fonte: Zenatti e Sousa (2009, p. 11).

– O resgate – ou não resgate

Durante o dia de hoje, sábado, Carlos esteve envolvido em um atendimento em um parque aquático localizado no interior de seu município. Por já ser época de férias e fim de semana, havia mais de 600 pessoas no parque e, entre eles, um grupo de 80 adolescentes que tinha ido lá para comemorar o fim do ano letivo escolar. Contudo, não contavam que ficariam completamente isolados no parque. Todas as vias de acessos estavam interditadas por queda de barreiras, alagamentos ou seriamente esburacadas. Entre os adolescentes, havia três diabéticos que precisavam tomar insulina. Passadas as primeiras 48 horas de isolamento no parque, felizmente um dos telefones fixos ainda estava funcionando, e foi possível chamar um resgate de urgência para os três adolescentes que começavam a passar mal. O pedido de ajuda chegou a Carlos por meio de dois políticos do estado que conheciam os donos do parque aquático. Com as dificuldades de comunicação, muitos pedidos de resgate chegavam por meio de indicações, enquanto outros ainda eram desconhecidos:

Tu não sabes né, mas numa tragédia quem grita mais não é quem precisa de atendimento primeiro, quem não está gritando é que precisa da tua ajuda primeiro. Mas nós não conseguíamos chegar em quem não estava gritando, primeiro porque não tínhamos comunicação, nós não conseguíamos entender a dimensão do desastre em sua plenitude, saber qual era a extensão dele [...] – lembra Carlos, emocionado.

Com o acesso terrestre praticamente impossível para a maioria dos muitos resgates que estavam sendo solicitados e com a baixa visibilidade para voo, o helicóptero que estava indo até o grupo de alunos chegou ao local com muita dificuldade. O piloto precisou se orientar pelas margens do rio para saber onde estava indo e contou com a ajuda de Carlos, que conhecia muito bem sua região. Finalmente ao conseguir pousar, Carlos informou a guia do grupo de adolescentes que o pequeno helicóptero estava ali apenas para retirar os três que precisavam de insulina e levá-los a um local seguro. Entretanto, diante da impossibilidade de resgatar todos, a guia não autorizou que somente alguns saíssem e, sem mais argumentar, comunicou que só sairia de lá com todos.

A aeronave que transportava Carlos era muito pequena e ele havia sido autorizado a retirar apenas os três alunos daquele local. A retirada de 600 pessoas demandaria mais aeronaves e não era prioridade no momento. Havia famílias inteiras soterradas por deslizamentos em morros próximos que precisavam de resgate urgentemente. Carlos tentou mais uma vez convencer a guia a deixar que ele retirasse os três alunos que precisavam tomar insulina, porém, novamente ela se recusou afirmando ter comida, água potável e gerador para uma semana. Carlos então, não sabendo como convencer a guia a liberar os alunos e ciente de que aquele helicóptero era necessário em outros resgates, entra na aeronave e deixa a guia e os adolescentes para trás.

Carlos, como morador e prefeito da cidade onde fica o parque no Vale de Itajaí, reflete sobre as decisões tomadas. Deveria ele ter deixado os três adolescentes para trás? E os três alunos que precisavam tomar insulina, iriam eles conseguir sobreviver sem o medicamento por uma semana? Poderia ele ter convencido a guia a deixar que levasse os alunos? Ele, como Prefeito, foi a melhor pessoa para ter atendido essa ocorrência? Caso fosse um agente da Defesa Civil ou com autoridade militar, o resultado teria sido diferente? Como passou sua cidade diante da ausência dele para uma atividade que não era de sua total responsabilidade?

– O som do rotor das aeronaves a decolar com uma esperança...

Na manhã seguinte, após conseguir descansar por quatro horas e meia e ser acordado com o barulho da chuva que voltou a cair, Carlos ainda estava preocupado com os três alunos

que precisavam da insulina. Em conversa com um dos gestores da Defesa Civil estadual, órgão superior hierarquicamente e responsável pela gestão do desastre, Carlos relatou o ocorrido do dia anterior e então, a Defesa Civil organizou mais uma tentativa para ajudar os adolescentes. O local no qual eles estavam não apresentava risco, portanto, foi optado pela não evacuação dos clientes do parque, visto que demandaria muito tempo e recursos que poderiam ser alocados para situações de maior risco. A solução foi então levar a insulina até os adolescentes. Matheus, bombeiro militar e coordenador da Defesa Civil de um município vizinho de maior porte foi designado para a missão. Pegou as unidades de insulina, colocou em suporte resfriado para garantir que não estragassem, e se preparou para a tarefa.

Na aeronave que Matheus estava era possível transportar, além dele e do piloto, mais quatro pessoas. Com os novos deslizamentos que ocorreram, o resgate via transporte terrestre continuava impossível e em alguns locais o acesso aéreo era também muito difícil. Durante o caminho para o parque aquático onde estavam os três estudantes, Matheus e o piloto passaram pelo Morro do Baú, um dos locais mais atingidos pela tragédia e local de muitas mortes. O morro, com 819 metros de altura, possuía diversas comunidades que viram suas vidas deslizando em uma espécie de ‘larva de lama’.



Deslizamento na região do Baú
Foto: Adriana Franciosi

Ao sobrevoar a área do Morro, Matheus e o piloto avistaram um grupo de pessoas que pediam socorro, com as siglas S.O.S. desenhadas no chão.



Mensagem de moradores do Morro do Baú
Foto: Adriana Franciosi

Matheus pediu para que o piloto se aproximasse para verificar a situação. Ao se aproximar, Matheus viu que havia pessoas feridas que precisam de socorro e optou por descer da aeronave. Ao ser questionado sobre a sua experiência na tragédia, Matheus relatou:

Nós chegávamos, não conseguíamos resolver absolutamente nada. O nosso equipamento não dava conta, nosso treinamento não dava conta [...] era só tirar as pessoas do lugar onde estavam e levar para um lugar mais seguro [...] aquilo foi muito impactante pra mim, porque quando eu desci lá e desembarquei pra atender, pra tentar entender, ali já tinha risco elevado de vida pra todo mundo e nós tínhamos que levar as pessoas.

A aeronave que estava junto com Matheus começou a levar as pessoas feridas, prioritariamente, porém não dava conta de retirar todos que estavam no local de uma só vez. Matheus optou por auxiliar aquele grupo de pessoas, enquanto o piloto se encarregava de transportar os feridos para um local seguro.



Policiais e bombeiros nos trabalhos de resgate no Baú
Foto: Diego Redel

Em determinado momento, o tempo fechou, voltou a chover e, os deslizamentos no morro onde estava Matheus e o grupo voltaram a acontecer. Nesse momento, Matheus tentou contato pelo rádio, pedindo socorro, mas ninguém o ouvia. Devido às condições do tempo, a comunicação de rádio foi perdida. Matheus conta que nesse momento pensou: ‘eu vou morrer aqui’. Ele, que foi até o local na tentativa de ajudar aquelas pessoas, não conseguiu auxiliar todos e ainda se tornou uma vítima potencial.

E eu não trazia a solução, eu tive que inventar algumas histórias pra amenizar a tensão deles, fazer de conta que eu falava no rádio, e a minha equipe me ouvia. Não tinha comunicação alguma! Eu dizia: ‘pessoal, vamos manter calma, eu já fiz o comunicado, as aeronaves estão vindo’, e eu não tinha comunicado nenhum, eu estava tão à mercê quanto elas.

Foram horas de desespero, além do risco de vida que estava correndo, Matheus não sabia como ajudar aquelas pessoas e ainda por cima teve que mentir para manter a calma dos que ali estava. Por um breve momento, Matheus refletiu sobre sua decisão de ter permanecido naquele local de risco ao invés de ter auxiliado o piloto na aeronave. Pouco a pouco a chuva estiou e finalmente foi possível ouvir o barulho de um helicóptero se aproximando. Chegando ao local o piloto pede que Matheus se aproxime para dar lhe informações:

Piloto: *Matheus sobe, precisamos voltar, as condições de tempo estão péssimas!*

Matheus: *Eu não vou embarcar nessa aeronave até tirar todo mundo!*

Piloto: *Tem no mínimo umas 100 pessoas aqui cara, tu imaginas quanto tempo isso vai levar?*

Matheus: *Eu vou ficar aqui!*

Piloto: *E a insulina?* – recordou o piloto que deveriam ir até o parque aquático levar a insulina para os três adolescentes.

Matheus: *Puts, é verdade, tá comigo dentro da mochila.* – Ao se aproximar do piloto para entregar a mochila, o mesmo solicitou que o bombeiro colocasse os fones de ouvido para que conseguissem conversar pelo sistema da aeronave e sem serem ouvidos.

Piloto: *Não tem nada a ver com a insulina, eu preciso que você volte agora!* – declarou o piloto.

Matheus: *Não vou voltar, eu vou ficar aqui com as pessoas.*

Piloto: *Volta agora porque as pessoas não estão entendendo o que está acontecendo aqui. Todas as aeronaves pra cá estão sendo canceladas, não vai vir nada!*

Matheus: *Mas as pessoas precisam sair daqui urgentemente.*

Piloto: *Não, todas as aeronaves foram retiradas! Ou o senhor volta e convence ou não volta nenhuma outra.*

Essa sensibilidade para decidir o que era realmente necessário, num momento em que estávamos no meio da crise, cansados, foi algo muito difícil. Ocorreu um momento em já eram seis horas da tarde, as aeronaves estavam todas fora e os pedidos eram muitos. [...] Começaram a chegar vários chamados. Um daqueles morros do Baú tinha desmoronado e havia policiais, bombeiros, comunidade que estava lá e precisava no mínimo que fosse deslocada uma força tarefa para o local, a fim de passar a noite com eles. Nisso olhamos a meteorologia e a chuva estava aumentando. A visibilidade estava cada vez mais baixa e não havia como decolar. Não havia aeronaves no pátio e os chamados só aumentavam. Eu já não tinha certeza de que as aeronaves conseguiriam voltar, quanto mais se tínhamos a capacidade de atender essas pessoas. Daí os policiais começaram a entrar em desespero, os bombeiros da mesma forma, e a cada minuto vinha alguém no Centro de Operações afirmar que o quadro estava se agravando, como se estivéssemos num filme. Foi um momento muito crítico, de decidir para que local ir sem ter certeza das informações que estavam chegando, porque todo o sistema de comunicação do Baú, como redê telefônica, estava em colapso [...].

[Trecho da entrevista de um dos comandantes da operação publicado no livro ‘A Tragédia do Morro do Baú’]

Fonte: Menezes (2009, p. 150-151).

Diante do argumento do piloto, Matheus subiu na aeronave, com o sentimento de estar abandonando aquelas pessoas que confiaram nele. O helicóptero decola e Matheus relata: “*eu vou vendo as pessoas, e o olhar delas é um troço assim, angustiante, é destruidor, como se estivessem falando: ele está nos abandonando*”. Matheus termina seu dia indo até o parque aquático para a entrega das insulinas. Posteriormente, ao refletir sobre esse dia, Matheus reflete: “*Naqueles dias essas tomadas decisões eram muito complexas. A gente ia porque a sociedade espera que a gente, como servidor público, vá. E se nós não fossemos, quem iria?*”

– Doações: a crise dentro da crise

Ana é Diretora de Respostas na Defesa Civil estadual e acompanha de perto a gestão do desastre de 2008. Em meio ao caos, ela vê o surgimento de uma nova crise – agora interna: as doações. Em uma de suas raras pausas, Ana liga a televisão para acompanhar as notícias. Em um dos canais, Ana assiste atenta uma declaração do governador do estado. O objetivo da declaração era informar ao Brasil o que estava acontecendo no Vale do Itajaí e comunicar que Santa Catarina estava necessitando muito de doações: roupas de cama e banho, roupas para adultos e crianças, água e alimentos não perecíveis eram os principais itens.

A atitude do governador gerou uma grande comoção e solidariedade nacional: “*mesmo por um motivo triste, era bonita a vontade de ajudar que vinha de todos os lados*” – refletiu Ana. Além das doações que vinham de dentro do próprio estado, a Defesa Civil começou a receber doações do Brasil todo e, inclusive internacionais. Problema resolvido? Não! O apelo do governador foi atendido; entretanto, quando começaram as filas de 20 a 30 caminhões para descarregar as doações, o cenário começou a ficar preocupante. De início, o problema maior estava apenas em conseguir diversos galpões emprestados para armazenar as doações recebidas, fazer a primeira triagem, destinações etc.



Central de Doações
Foto: Arquivo OCP News

Ana participou da gestão inicial das doações recebidas, destinando os caminhões para os municípios atingidos, onde coordenadores municipais de Defesa Civil, servidores públicos das Prefeituras e voluntários realizavam a triagem e entrega aos necessitados: pessoas que estavam nos abrigos públicos e também aqueles que continuavam em suas casas, mas que tinham perdido tudo ou quase tudo. Um das cargas recebidas surpreende os voluntários de um dos municípios do Vale do Itajaí:

Voluntária Amélia: *Você viu o par desse sapato?* – Questiona Amélia em meio a uma pilha de calçados após uma tentativa que levou cerca de cinco minutos para encontrar o par.

Voluntário João: *Não vi não dona Amélia, me avisa se a senhora ver o outro pé desse aqui também, tá?*

Voluntária Amélia: *É esse daqui João?*

Voluntário João: *É número 36?*

Voluntária Amélia: *39.*

Voluntário João: *Desse jeito não vamos terminar nunca! Olha esse daqui! A sola tá toda caindo! Não pode doar assim! O povo brasileiro tem ainda aquela cultura que não sabe doar né?* – Ao terminar a fala, mais um carregamento de sapatos chega.

Voluntária Amélia: *É, João. Infelizmente ainda tem gente que ache que doação é descarte. As pessoas também colocam nessas sacolinhas frágeis e aí arrebentam. Olha ali, estão descarregando mais algumas sacolas, acho que são roupas misturadas com sapatos, e os sacos vão rompendo! Como vamos encontrar os pares desses calçados?*

Voluntário João: *Por que as pessoas não amarram? As pessoas não botam uma fita junto? Aí, olha só, é sapato furado, sem sola...* – João, que segura dois calçados, ou partes deles, balança sua cabeça em negação.

Passados alguns dias e com o recebimento de muitas doações, as dificuldades começaram a se tornar maiores que os benefícios e a equipe da Defesa Civil de Santa Catarina começou a cogitar interromper os pedidos de ajuda. Contudo, havia o impasse do governador ter ido publicamente solicitar que fossem enviadas doações e a profunda solidariedade do povo brasileiro engajado em ajudar nessa causa.

Inicialmente, como estratégia, solicitaram às pessoas que ligavam pedindo informações, que as doações fossem direcionadas diretamente para alguma comunidade próxima. Posteriormente, começaram a fazer uma campanha mais focada nos itens que, realmente, estavam sendo demandados. Em uma dessas campanhas, conta a Diretora Ana, foi pedida doações de água e, novamente, o problema não é o não atendimento ao pedido, o problema são os demasiados recebimentos: “*Aí começa a receber um monte de doação de água, só que daí depois tu não precisas mais de água, e tu continua recebendo água*”. Houve também o elemento

do ‘custo’ das doações, que poucas pessoas tinham realmente noção: “A gente ensacou os excessos. A gente gastou alguns mil reais com saco plástico, porque você tinha que comprar um saco preto pra ensacar os excessos” – lembra Ana.

Além dos dias inteiros enfrentando chuvas ininterruptas e enxurradas, dos resgates parecerem não ter fim e das dificuldades enfrentadas com as doações, a Defesa Civil ainda precisou lidar com uma repercussão negativa na mídia. Devido ao fato de alguns itens recebidos estarem em péssimo estado, velhos, sujos ou não estarem adequadamente armazenadas e estragarem, umas doações precisaram ser incineradas, para dar lugar aos itens em bom estado – que não paravam de chegar. Reportagens foram divulgadas na mídia ‘denunciando’ tal ‘descaso’. Ana comenta sobre:

[...] Muitos sacos de roupa o pessoal teve que tirar de dentro do salão paroquial pra incinerar. Eram roupas totalmente podres, que não dava pra utilizar e qualquer pessoa que visse a gente fazer aquilo pensava ‘tá botando fogo em coisa boa’. A mídia acaba fazendo uma propaganda negativa, né, como se a gente tivesse fazendo algo cruel, ‘ah, tem gente precisando e tal’, mas é que aquilo virou um desastre dentro do desastre [...].

Apesar do caos gerado pelo número de doações recebidas, o intuito de solidariedade prevalecia: muitas doações boas foram recebidas e centenas de voluntários que trabalharam nos bastidores da tragédia fizeram a diferença!

O Brasil inteiro, de norte a sul, ajudou Santa Catarina naquele momento. A solidariedade imperou. Muita gente trabalhou nos bastidores, não apareceu e fez um importante trabalho. Nós perdemos um pouco o controle desse trabalho de voluntariado. Era muita coisa e muita gente, chegando do Brasil inteiro sem passar pela Defesa Civil do Estado. E esse detalhe servirá de lição para um próximo desastre. Nós teremos que nos organizar no que diz respeito às doações. Que cada Defesa Civil Estadual possa, antes de mandar o material para o Estado sinistrado, realizar uma triagem prévia. Verificar as necessidades, selecionar, embalar adequadamente os materiais para depois remeter. Ficamos com toda a triagem aqui e isso nos exigiu a montagem de uma grande estrutura e demandou muito trabalho. Pedíamos para as pessoas ou empresa que queriam ajudar, que viessem com suas estruturas montadas, atuando como força tarefa; do contrário teríamos que providenciar estruturas ainda maiores para abrigar estas pessoas, e já tínhamos um grande número de desalojados e desabrigados. [Trecho da entrevista de gestor da Defesa Civil publicado no livro ‘A Tragédia do Morro do Baú’]

Fonte: Menezes (2009, p. 307-308).

– O que fica depois de uma tragédia: aprendizados de gestão

Os primeiros dias de dezembro chegam e com eles, a esperança. O sol voltou a raiar no céu e as chuvas enfim cessaram. Ainda havia muito trabalho a ser feito, todos sabiam disso, porém, todo o sentimento de desesperança que habitou a região do Vale do Itajaí, começou a ser substituído pelo sentimento de força, solidariedade, garra de querer continuar, de renovação.

Meses após a tragédia, a Defesa Civil do Estado de Santa Catarina convoca uma reunião para debater as experiências do desastre. Entre os muitos participantes, estão também Matheus, Ana e Carlos. Emocionado, Matheus reflete com seus colegas: “Em 2008 a gestão da crise já foi uma grande crise. [...] Então foi assim, um nível de amadorismo tão grande envolvendo pessoas que nunca tinham trabalhado com crise”.

Os agentes públicos ali presentes discutem casos específicos que aconteceram durante o período, verificando o que aprenderam a partir de suas experiências, o que poderia ter sido feito e o que pode ser feito agora: uma opinião comum entre todos foi a necessidade de atuação na prevenção muito mais fortemente e junto aos municípios do estado, capacitando gestores públicos para serem, também, gestores de desastres.

No cenário brasileiro, em 2012, foi publicada a nova Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC) que deu maior atenção a questão da proteção ao risco e alterou a gestão

de riscos e desastres em cinco ações distintas, mas inter-relacionadas: prevenção; mitigação; preparação; resposta e; recuperação (DEFESA CIVIL DE SANTA CATARINA, 2017).

– **Referências**

DEFESA CIVIL DE SANTA CATARINA. **Gestão de Riscos e Gestão de Desastres**. Material para fins didáticos. Florianópolis, [2017].

MENEZES, J. G. R. **A tragédia do Morro do Baú**. Blumenau: Nova Letra, 2009.

UFSC/CEPED – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS SOBRE DESASTRES. **Relatório de Danos Materiais e Prejuízos Decorrentes de Desastres Naturais em Santa Catarina: 1995 - 2014**. Florianópolis: CEPED/UFSC, 2016.

ZENATTI, A. P. A.; SOUSA, S. Y. U. (Org.) **Relatos de um desastre**: narrativas jornalísticas da tragédia de 2008 em Santa Catarina. Florianópolis: CEPED, UFSC, 2009.